

Defendidos novos produtos de jogo contra a “concentração excessiva”

No livro “Turismo de Entretenimento”, de Jian Ming Luo e Chi Fung Lam, os autores alertam para uma “concentração excessiva” do turismo de entretenimento relacionado com o jogo dentro dos casinos. Esta foi a segunda actividade favorita da maioria dos inquiridos no âmbito deste estudo, com as compras a serem o factor que mais traz visitantes à RAEM, apuraram os académicos

CATARINA ALMEIDA

Há uma “concentração excessiva” de produtos de entretenimento relacionados com o jogo o que, por conseguinte, poderá promover uma “economia não diversificada”. O alerta é deixado por Jian Ming Luo e Chi Fung Lam, autores do livro “Turismo de Entretenimento” a que a TRIBUNA DE MACAU teve acesso.

O ponto de partida é um inquérito promovido em finais de 2016 nos três principais pontos de saída do território: Portas do Cerco, Aeroporto Internacional e Terminal Marítimo do Porto Exterior. Foram distribuídos 400 questionários, tendo sido seleccionados 308 como amostra. “Apenas nove turistas experienciaram outros produtos de entretenimento relacionados com o jogo fora dos casinos, como corridas de galgos e cavalos”, lê-se no subcapítulo que avalia os produtos turísticos de entretenimento usando a RAEM como estudo de caso. Nesta categoria em específico, os autores incluíram corridas de cavalo, de galgos, lotaria e casinos.

Pelo exposto, 199 jogaram em Macau durante a sua estadia, 188 dos quais apenas o fizeram em casinos. Números que “confirmam as preocupações dos que apontam para uma concentração excessiva da indústria do jogo nos casinos”.

Apesar dos inquiridos terem considerado o jogo como a segunda vertente turística mais importante, o grau de atracção do sector foi apontado como sendo apenas “razoável”. “Estes resultados sugerem que o Governo deve envidar mais esforços para melhorar o jogo e prestar especial atenção ao baixo desempenho [do mesmo]”, advertem.

Ainda que o Governo tenha vindo a insistir na diversificação os diferentes sectores da indústria, nomeadamente o jogo, esses esforços produziram resultados aquém do esperado. “Devem ser dedicados mais recursos para melhorar as actividades de jogo já existentes e desenvolver novos produtos de jogo para



que se mantenha a denominação de ‘Las Vegas do Oriente’. Além disso, o “desempenho dos produtos de entretenimento do jogo de Macau não atingiu os níveis considerados importantes pelos turistas”, acrescentam.

Uma ilação para a qual podem ser encontradas várias razões: os casinos podem estar a ser “injustos” para os seus clientes não só no rácio de pagamento [das máquinas], bem como erros ocasionais.

O “Governo deve considerar não só permitir que os casinos e as operadoras se auto-regulem como pode impor regulações e inspecções mais regulares”, sugerem. “Uma outra razão para o baixo desempenho do jogo poderá relacionar-se com o facto do número de jogos disponíveis nos casinos de Macau ser inferior aos correspondentes em Las Vegas”, indicam. “Devem ser levantadas preocupações, e as operadoras de jogos de azar devem criar uma maior variedade de jogos de slots e de mesa. Além disso, as slots devem ser verificadas com mais frequência para se evitem erros mecânicos e, quando estes acontecem, o dinheiro deve ser reembolsado”, defendem os académicos.

“Sendo a China uma das principais fontes de turistas, as operadoras podem querer considerar diversificar a sua base de clientes. Uma vez que a China proibiu o jogo, Macau tornou-se no destino de jogo mais próximo para muitos chineses. No entanto, turistas de outros destinos como Estados Unidos, Europa, Singapura, entre outros, também podem jogar legalmente ‘em casa’. Para atrair esses clientes, as operadoras devem criar mais produtos”, destacam.

De um ponto de vista geral depreende-se que “os casinos devem oferecer produtos de jogo mais diversificados, aumentar a experiência dos turistas e, portanto, elevar a satisfação no âmbito

do entretenimento no seu todo”, realçam Jian Ming Luo e Chi Fung Lam.

Toda esta análise tem igualmente em conta o facto da maioria dos questionados ter visitado o território para férias ou lazer. “Com diferentes objectivos, a maioria dos turistas que visitou Macau como ponto de passagem mostrou-se mais satisfeita [com os produtos]”, consideram os académicos. Uma conclusão que, curiosamente, vai ao encontro dos resultados divulgados esta semana pelos Serviços de Estatística e Censos (DSEC) que apontaram para “quedas nas proporções de satisfação dos visitantes na maioria dos serviços”.

COMPRAS ATRACTIVAS

Mais de 80% dos inquiridos admitiram que já tinham visitado Macau noutras ocasiões com 86% a gastarem menos de 8.000 patacas em actividades de entretenimento e lazer.

Além disso, as “compras” foram o produto mais popular seguindo-se, como referido, os casinos e, em terceiro, actuações de magia. Estes produtos representaram mais de 60% de todos experienciados, lê-se no livro. Em contrapartida, classificaram-se no final da tabela o golfe, corridas de cavalo, tratamentos de beleza, lotaria, corrida de galgos, entre outros.

Outro segmento de análise relaciona-se com as actividades em família e os espectáculos disponíveis no território que, como demonstraram os inquéritos, estão no bom caminho. De acordo com os autores do livro, entre as 337 respostas neste capítulo, 215 incluíram actividades em família envolvendo compras, 81 de jantares temáticos e 41 de museus. Das 171 respostas que envolveram espectáculos, 141 incluíram actuações de magia e apenas 10 e 8 respostas apontaram para concertos populares e clássicos, respectivamente.

No entanto, “esta distribuição excessi-

Apenas nove turistas [entre 308] experienciaram outros produtos de entretenimento relacionados com o jogo fora dos casinos, como corridas de galgos e cavalos

Jian Ming Luo
e Chi Fung Lam

vamente concentrada pode ser causada pelo facto de não ter havido concertos especiais durante a recolha desta informação. Além disso, também não havia registo de um concerto-residência em Macau enquanto estavam disponíveis vários espectáculos regulares como ‘House of Dancing Water’ e ‘House of Magic’”, explicam. Ainda que o entretenimento ao nível destas duas categorias tenha obtido “bons resultados”, não devem deixar de ser levados a cabo esforços para “manter esta actuação”.

Pelo exposto, Jian Ming Luo e Chi Fung Lam defendem que, além da diversificação do sector do jogo, o Governo deve concentrar-se mais na diversificação dos diversos produtos turísticos locais. “Ao longo dos anos, têm sido feitos esforços para promover a cultura, o sector MICE, compras e festivais”, mas não deixa de ser alarmante o facto da participação dos turistas noutras actividades que não o jogo e as compras ter sido reduzida.

“A questão a colocar às empresas é se estão satisfeitas com o nível e a qualidade dos produtos que têm vindo a oferecer”. O número de espaços nocturnos como bares, karaokes e discotecas tem vindo a crescer rapidamente na China. Isto significa que a vida nocturna é atraente para muitos chineses, que também são a principal base de clientes de Macau”, destacam os autores.

Por conseguinte, tanto guias turísticos como os Serviços de Turismo devem “cooperar com os produtores de entretenimento para promover diferentes produtos”, consideram. Além disso, do ponto de vista do Governo, este estudo indica que muitos turistas “visitam o território com o único propósito de jogar”.

O Governo “deve promover actividades diversificadas de entretenimento para estrangeiros e melhorar a imagem de Macau”, salientam Jian Ming Luo e Chi Fung Lam.